

**Teoria King Kong:
O “Escandaloso” Livro de Virginie Despentes**

King Kong Theory:
The "Scandalous" Book of Virginie Despentes

Teoria King Kong:
El "Escandaloso" Libro de Virginie Despentes

Theorie du Roi Kong:
Le Livre "Scandalous" de Virginie Despentes

*Aline Reis Calvo Hernandez
alinehernandez@hotmail.com*

Psicóloga. Doutora em Psicologia Social e Metodologia pela Universidad Autónoma de Madrid. Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Obra: Despentes, V. (2016). Teoria King Kong. Tradução de Márcia Bechara. São Paulo: n-1 edições.

Lembro-me quando conheci por primeira vez o livro de Virginie Despentes: eu morava em Madrid onde cursava meus estudos doutorais. À época, em 2001, o livro causou certo alarde nos círculos feministas da França e da Espanha por abordar cara-a-cara uma perspectiva bem particular e articulada sobre o estupro, a indústria pornô e um feminismo *punk rock*. Algumas feministas consideraram o livro “estranho” ou talvez distante do feminismo clássico radical e marxista e de suas ideias de classe, trabalho e luta por direitos iguais; outras, consideraram que o livro colocava um sobrepeso nos ombros das mulheres na questão da corresponsabilização em relação ao machismo.

Contudo, só agora, passados 17 anos, deparo-me com a obra traduzida ao português, na edição de 2016 lançada pela n-1, São Paulo. Num passeio pela livraria Travesa, no Rio de Janeiro, encontro o livro de Virginie em destaque num acervo escolhido sobre teoria feminista, gênero e sexualidades. O livro chamou minha atenção pela capa: um rosa *pink de fundo* com riscos pretos formando um mosaico de pequenos e médios triângulos, como se fossem cacos de um espelho quebrado contornados com lápis de olho. Comentei com minha companheira: “é o livro da Virginie Despentes. Ela foi companheira da Beatriz Preciado¹ e esse livro foi polêmico na Espanha”. Decidi que era o momento de ler teoria *king kong*.

O livro, apresentado em sete capítulos, traz ideias ousadas sobre gênero, feminilidade, o corpo das mulheres e política. A trajetória de Virginie, como resenhista de

Hoje Paul B. Preciado

filmes pornô, prostituta, escritora e diretora de cinema, traz ao texto uma narrativa em primeira pessoa, desde seu lugar de mulher dentro do sistema capitalista de classe, além de leitora, escritora e ativista *punk*-feminista.

Virginie trabalha com duas ideias-chave que transversalizam suas declarações existenciais e análises político-conceituais: o *punk rock* e a ideia-metáfora de *king kong*. Nessa resenha, optei em escrever sobre minhas percepções e compreensões teóricas a partir de cada capítulo do livro, preservando os títulos provocativos escolhidos por Virginie.

No primeiro capítulo, “Vícios frenéticos”, a autora situa seu lugar de enunciação:

Sou esse tipo de mulher com quem não se casa, com quem não se faz filhos; falo deste meu lugar feminino sempre de maneira excessiva, muito agressiva, muito barulhenta, muito gorda, muito brutal, muito peluda, sempre muito viril como me dizem (...) Escrevo daqui como uma mulher inapta a atrair a atenção masculina, a satisfazer o desejo masculino e a me contentar com um lugar a sombra (Despentes, 2016, p. 8-9).

Pareceu-me interessantíssimo Virginie trazer, na primeira parte de sua apresentação, os avessos dos estereótipos do feminino disseminados nas representações sociais, e logo declarar sua posição viril como capacidade de não se resignar aos desejos masculinos e de não se contentar com “um lugar à sombra”. Virginie entra pela porta da frente e declara olho-no-olho seu lugar de mulher à margem, embora esse não seja um lugar da vítima. O *punk rock*, nesse sentido, autodeclarado como uma opção de vida, situa esse lugar ontológico de ruptura com as hegemonias sociais e é uma opção de dissidência.

A autora fala de muitas mulheres: a puta, a imigrante, a feia, a que gosta de beber, a que não sabe manter as aparências, a dona de casa, a competitiva, a ousada, a que têm medo. Difícil não se identificar com alguma ou muitas delas. Virginie declara, enfim, que o ideal de mulher branca e feliz, sedutora, casada e bem sucedida talvez não passe de uma elaboração de imaginários sociais de controle e censura, já que essas mulheres sequer parecem existir, é mais, não importa quantas elas sejam, Virginie as desconhece. Neste momento do livro, Virginie denuncia as contradições deste ideal de produção de uma “super mulher”, a “que trabalha, mas sem tanto sucesso para não esmagar seu homem”, “a mãe realizada que não se deixa monopolizar pelas fraldas e pelos deveres de casa”, denunciando o projeto político de fazer com que as mulheres se sintam fracassadas, eixo central de análise no texto.

“Eu te fodo ou você me fode?” é o segundo capítulo do livro e começa com o epílogo de Virginia Woolf, um fragmento do livro “Um teto todo seu”. Nas palavras de Woolf, a mulher existe na ficção escrita por homens e difere da vida real. Na ficção, a mulher pode até estar em lugar de destaque, “como o homem”, mas, na vida real, “ela é trancada, espancada e jogada de um lado para outro”. É curioso, mas nessa mesma obra Woolf defende a ideia de que uma mulher, para ser escritora, precisa de um espaço seu, um quarto próprio. Woolf está falando de um lugar metafísico, um direito de autoria que diz a partir de sua própria voz. Woolf está falando na contramão de mulheres narradas por autores homens.

Virginie traz análises sobre as consequências da revolução sexual na França e o baixo impacto da revolução feminista da década de 70 na, digamos, sociologia cotidiana das mulheres: a questão da família, do casamento, da maternidade, da vida nas cidades, das relações de trabalho e como as instituições não sofreram grandes mudanças ou (r)evoluções.

A autora afirma que homens e mulheres estão insatisfeitos com as conquistas das gerações anteriores, ou mesmo não sabem bem o que fazer com essas conquistas a partir de agora. Para ela, não ocupamos o espaço público, nem nos apropriamos devidamente dele nas esferas política e econômica.

ca.

O corpo coletivo funciona como um corpo individual: se o sistema é neurótico, ele engendra espontaneamente estruturas autodestruidoras. Quando o inconsciente coletivo supervaloriza a maternidade através da mídia e da indústria do entretenimento – esses instrumentos de poder –, não se trata de amor pelo feminino ou de um ato de bondade global. A mãe portadora de todas as virtudes nada mais é do que o corpo coletivo que se prepara para a regressão fascista. O poder outorgado por um Estado doentio é forçosamente suspeito (Despentes, 2016, p. 21).

Para Virginie, os homens ainda se mostram indulgentes quando o tema é o machismo e muitos se fragilizam com os espaços de autonomia e poder conquistados pelas mulheres. Não obstante, Virginie propõe uma questão provocante dirigida aos homens, em particular aos pais, em que sugere que eles deveriam alertar seus filhos de que o Exército e o Estado são “armadilhas” da tradição machista, sendo a manutenção da virilidade uma mutilação das emoções e afetos. A imposição da brutalidade é sempre uma violência em si destinada aos homens.

Assim, mulheres e homens estão na encruzilhada dos gêneros e para “compreender os mecanismos de nossa inferiorização (...) é preciso compreender os mecanismos de controle de toda a população. O capitalismo é uma religião igualitarista, no sentido de que nos submete a todos e leva cada um de nós a se sentir preso dentro de uma armadilha, assim como estão presas todas as mulheres” (Despentes, 2016, p.24).

Em seguida, após o título “Impossível estuprar uma mulher cheia de vícios”, Virginie aborda o estupro vivido por ela e uma amiga em 1986. Dessa vez, o texto começa com o epílogo de Angela Davis, ativista negra norte-americana em “Raça e Classe”. No fragmento escolhido, Davis explica que nos EUA e em outros países, as leis contra o aborto foram escritas para proteger os homens de classes altas das agressões cometidas contra suas filhas e esposas, mas pouco importou aos tribunais as violências cometidas pelos mesmos contra as mulheres de classes subalternizadas.

Virginie não conta os detalhes do estupro coletivo cometido contra ela e sua amiga e como mulher gostei muito de que o fato do estupro em si não tenha sido a tônica da narrativa. A autora analisa os efeitos de sua publicação *Baise-Moi* (Me fode), e da importância de falar de um tema “tabu” sem apelar à vitimização, fazendo com que muitas mulheres falassem abertamente sobre os estupros, abusos e violências sofridos.

A autora menciona que, desde a Bíblia, falar de estupro é colocar o discurso e o corpo das mulheres em dúvida. Não obstante, estupros acontecem o tempo todo. A invisibilidade do estupro, o fato de não nomeá-lo, funciona como uma espécie de consentimento silencioso que permite seguir acontecendo.

Porque os homens fazem agora o que as mulheres os ensinaram a fazer durante séculos: dar outro nome à coisa, enfeitar o ato, fazer rodeios mas, sobretudo nunca usar a palavra para descrever o que fizeram. Eles “forçaram um pouco”, ela “estava muito bêbada” (...) na maioria dos casos o estuprador se arranja com sua consciência, afinal não houve estupro, era só uma puta que não se assume e que precisa ser convencida (Despentes, 2016, p. 29-30).

Virginie conta que, ao trabalhar num programa para mulheres estupradas, uma linha telefônica denominada *Stop Estupro*, canal onde mulheres buscavam auxílio e orientação jurídica, notou que na maioria das vezes as mulheres falavam do estupro em terceira pessoa, sendo este o dispositivo que a fez pensar em todas as vezes em que tinha evitado dizer a palavra “estupro”, contornando-a com outros nomes, como “agredida, enrolada, constrangida”. Mas, quando a palavra é evitada, ela encoberta.

Virginie menciona um texto de Camille Paglia (1990), a controversa autora feminista norte-

americana que defende que as mulheres, pelo fato de serem mulheres, já são corpos violáveis. E que se as mulheres desejam sair de casa, ousar e circular livremente devem fazê-lo sem descartar as possíveis violências que podem ocorrer, pois de fato ocorrem. Nesses casos, devem levantar a cabeça, falar do tema, buscar apoio e seguir.

A autora manifesta sua revolta ao ler o texto e, depois, ao escutar Camille em uma conferência, compreender que nós mulheres lutamos durante longos anos pelo direito de ir e vir, ainda que contenha riscos. A opção de Virginie por uma vida *punk* exigia estar, muitas vezes, à deriva. Virginie afirma que nessa época experimentou uma sensação estranha, pois o fato de decidir contar sobre o estupro a fez alvo de julgamento ou dúvida, precisando provar uma e outra vez que não estava de acordo. Segundo ela, a culpa será submetida a “uma atração moral não enunciada” que fará a balança pesar para o lado mais “fraco”.

Nós nos obstinamos em fazer com que o estupro seja algo de raro e periférico, algo fora da sexualidade, evitável. Como se dissesse respeito apenas a uns poucos agressores a umas poucas vítimas, como se constituísse uma situação singular (...) (Despentes, 2016, p. 41).

A autora encerra essa seção falando do estupro como um acontecimento que deseja “esvaziar de si”, subtrair, esgotar, apesar de perceber o quanto ele retorna a ela. A narrativa do estupro inaugura alguém que diz, nomeia, e é a um só tempo aquilo que desfigura e constitui. A autora debate sobre a produção de “mulheres vulneráveis”, enfoca na questão da educação para o sofrimento e não para a defesa e a maneira como os estupradores se arranjam com a consciência, justificando ou desconstruindo seus atos.

O exercício da prostituição e suas condições é o tópico trazido por Virginie no capítulo quarto, “Dormindo com o inimigo”. No epílogo, encontramos um fragmento de texto de Gail Pheterson em “*The Prostitution Prism*” em que a autora chama de prostitucional o contrato e os intercâmbios sociais desiguais. Seja o casamento, a indústria do sexo, a normatividade heterossexual, e “mesmo aqueles que denunciam a degradação e as violências feitas às mulheres raramente questionam os privilégios dos homens nos domínios sexual, doméstico e reprodutivo” (Pheterson in Despentes, 2016:46).

Virginie narra sua experiência com a prostituição. Primeiro o dar-se conta de sua exploração como trabalhadora em um supermercado e a possibilidade de ganhar muito mais fazendo “programas”. Depois, o processo de entrar no jogo da feminilidade, as roupas, o salto, a maquiagem. O desenrolar do primeiro programa e dos subsequentes. Conta sobre as outras mulheres da prostituição, o trabalho, os maridos e as vidas corriqueiras.

Para Pheterson, “o que acaba sendo considerado inaceitável não é o fato de se gratificar materialmente uma mulher em troca da satisfação do desejo de um homem, mas sim que essa gratificação seja pedida de forma explícita”, sendo que o trabalho doméstico e sexual das mulheres sempre foi considerado e deve permanecer sendo gratuito.

Para Virginie, se trata de uma construção social, de uma questão política e econômica. As políticas de prostituição não podem estar pautadas por um zelo moral, mas pelo zelo aos direitos das trabalhadoras, como já existe em alguns países.

A sexualidade masculina não constitui em si uma violência contra as mulheres se elas estiverem de acordo e forem bem remuneradas. A violência vem desse controle que é exercido sobre todos nós, essa faculdade de decidir em nosso lugar o que é digno e o que não é. (Despentes, 2016, p.73).

Em “Pornofeiticeiras”, Virginie aborda a indústria pornô e as artimanhas políticas por trás de seus efeitos. No epílogo, um fragmento do livro *“Hardcore from the Heart”* de Anne Sprinkle faz lembrar o espelho quebrado, imagem da capa do livro de Virginie, pois a pornografia é comparada a um espelho em que observamos a nós mesmos, mesmo quando as imagens que vemos não nos agradam tanto.

O pano de fundo argumentativo nos incita a pensar não na demonização do pornô, mas na produção de filmes melhores, onde a mulher pode manifestar seus desejos abertamente e não necessariamente em relação ao desejo masculino ou normatizado heterossexualmente. Ao contrário, filmes e cenas onde o desejo da mulher e a valorização das atrizes pornô sejam colocados em primeiro plano.

Virginie problematiza a manifestação hipócrita e repetitiva de que o pornô não interessa, quando, na verdade, sabemos que é um gênero altamente consumido por muitas sociedades e ocupa lugar muito procurado por homens, mulheres, gays, lésbicas, bissexuais etc. Para a autora, essa demonização do pornô acaba por aprisionar as atrizes numa esfera da vergonha, da estigmatização, quando não raro, da acusação por estarem dissociando sua personalidade e seu prazer por culpa da performance. Uma vez mais é o corpo das mulheres que é moralizado, controlado e culpabilizado.

Trata-se de um controle excessivo sobre a sexualidade, um aprisionamento político a partir do corpo que coloca as mulheres num lugar da exclusão, quando, para a autora, o lugar dessas mulheres é o da transgressão. Essas mulheres estão fazendo uma escolha. Para Virginie, “é crucial para os políticos aprisionar a representação visual do sexo em guetos delimitados, claramente separada do resto da indústria, com o objetivo de restringir o pornô a um lupemproletariado do espetáculo” (Despentes, 2016, p. 82).

Está claro se tratar de uma “fronteira do gueto”, desenhada sem muitas explicações políticas, onde o lúdico e a luxúria são considerados pelos censores algo que atrapalha a homeostase social ou a dedicação ao trabalho. Ela afirma que o pornô remete à ideia de que o poder e o dinheiro são valores femininos e isso mexe com os “tabus” fixados em relação ao prazer e ao desejo das mulheres. Para Virginie, o pornô permite às mulheres um direito histórico ao escândalo, ou ao menos, à controvérsia. Um elemento fundamental deste texto sobre pornografia discorre sobre as relações entre a perpetuação do poder dos homens sobre a pornografia, o prazer e a frustração sexual deles (e não delas).

A imagem de *king kong* é a imagem metafórica usada por Virginie para abordar a sexualidade que perece a distinção dos gêneros, para além da fêmea e do macho, pois no filme de Peter Jackson (2005) não sabemos se a besta peluda é um ou uma gorila. Trata-se do “híbrido, diante da obrigatoriedade do binário” (Despentes, 2016, p. 94).

Virginie compara *King Kong* ao *punk rock*, à explosão de códigos e padrões estabelecidos, especialmente àqueles referentes ao gênero. No filme, a imagem da besta fera é usada às avessas para pensarmos o inusitado, pois a animalidade e a brutalidade esperada não acontecem, mas uma relação afetiva e não erótica com a personagem loira coadjuvante.

Deparar-nos com essa “surpresa” de *King Kong* é pensar numa mulher que, ao contrário do esperado, não deseja a feminilidade, nem o servilismo, nem corresponder aos desejos do masculino e suas normatividades, mas ao seu próprios desejos. Ser mulher não precisa ser uma obrigação terrível, pois “é a obrigação que é degradante” (Despentes, 2016, p.108).

De forma breve, desejando “boa sorte” às meninas, a autora encerra o livro em poucas páginas. No epílogo desse capítulo, Woolf propõe que “o primeiro dever de uma mulher escritora é matar o anjo do lar”. Para Virginie é extremamente urgente que os homens comecem a falar deles mesmos, de suas masculinidades e parem de falar pelas mulheres, pois isso “evita que falem deles mesmos” (Despentes, 2016, p.118). Nas palavras da autora, temos de transgredir o imaginário social do

sexo frágil, pois sempre fomos o sexo da resistência, da coragem, da luta. A verdadeira coragem, diz ela, é deparar-se com o novo, pois “existe uma forma de força que não é masculina nem feminina, que impressiona, que enlouquece, que tranquiliza. Uma faculdade de dizer não, de impor seus pontos de vista, de não se ocultar”. (p. 121)

Ela encerra o texto propondo um projeto político a ser feito entre mulheres, homens e os outros. O feminismo “é uma revolução em marcha” que está em movimento, em curso, uma escolha. “Não se trata de opor as pequenas vantagens das mulheres às pequenas conquistas dos homens, mas de dinamitar tudo isso” (Despentes, 2016, p.121). Será preciso assumir o movimento como linha, não como ponto, seja esse inicial ou final.

Ler Teoria *King Kong* nos dias atuais foi um encontro necessário para mim. Diante da crise da democracia, dos escândalos políticos, da morte do Estado e da falência das esquerdas espalhada pela Latino-América foi crucial deparar-me com esse texto atrevido, uma denúncia corajosa que traz à tona posições teóricas que desconstróem representações e posições sobre o corpo das mulheres e, conseqüentemente, sobre o corpo político coletivo. Após terminar o livro, sinto-me mais forte, mais disposta ao enfrentamento e, principalmente, a não abrir mão de meus saberes situados enquanto mulher lésbica.

Referências

- Despentes, V. (2016). *Teoria King Kong*. Tradução de Márcia Bechara. São Paulo: n-1 edições.
- Pheterson, G. (1996). *The Prostitution Prism*. Amsterdam: Amsterdam University Press.

Recebido em: 01/06/2018

Aprovado em: 01/12/2018